

AVENÇA



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XII • N.º 299 • PREÇO 1\$00

NOTA DA QUINZENA AQUI, LISBOA!

Eu estava no Cais do Sodré quando passou um ardina e comprei o jornal. Os grandes jornais não dizem nada, sim, mas a gente compra e lê. Somos parte integrante do turbilhão e gostamos de ir atrás dele. Vinha ali a notícia de uma mulher *entre os vinte aos trinta*, que se hospedara numa pensão e ali deixou uma filha *de tenra idade*. No dia seguinte, o dono da pensão recebeu uma carta informando o dia e hora e lugar aonde a criança tinha nascido. Pediu-se que a registassem dentro de quatro dias e dava-se o nome dela. A desconhecida declara mais que abandonara a filha porque o pai, que diz ser um advogado, não a quis reconhecer, *deixando-a sem recursos, pelo que deliberou desaparecer*. As duas últimas linhas são: — *a Polícia procede a diligências para identificar a mulher e descobrir o seu paradeiro*.

Chegados a este ponto e porque os grandes jornais não dizem tudo, entre cada leitor dentro de si e procure o que falta. De toda a notícia o que mais importa é a criança. Temos aqui uma inocente que começa o seu calvário de zassete dias depois do nascer. O hospício. A mãe emprestada. O asilo. O mundo. A vala comum. A Polícia, ao que se lê, pretende descobrir a mulher. E quem descobre o homem? O informador chama condenável ao procedimento da desconhecida, e é. Isto é verdade, mas não é toda a verdade. Que nome havemos de dar ao procedimento do pai? A epígrafe fala de *uma criança abandonada pela mãe*, mas o texto diz o contrário.

A Desconhecida deitou a carta a chorar, quando indica ao dono da pensão o nome que a filha há-de ter. Ela ama.

A Desconhecida deve ter humedecido com lágrimas o nome da sua filha, ao indicá-lo por carta. É que a traz no seio. Não a abandonou não senhor. O pai é que sim.

E não vamos mais adiante. Quis a Providência que a notícia acima me viesse ter às mãos e que eu a desse aqui para ser uma força ao que se disse a este respeito no nosso derradeiro número.

Quando vamos nós erguer a bandeira branca a favor destes Inocentes?

Eles, são legiões! Porque é que os senhores grandes jornais, não procuram o Reino de Deus, ao darem destas notícias? Se eles vissem como vertem lágrimas em nossas casas os Rapazes que atingem a idade de dar fé e descobrem que não têm pai! Que lágrimas! Quem é que as enxuga?

Estava marcado para o dia primeiro de Agosto, o início da Casa dos Alunos do Instituto Superior Técnico. A mão d'obra devia ser deles, mas não pode ser. Os homens transtornaram. Mas não fica por fazer a casa. Hoje mesmo, um grupo de operários, depois das oito horas de trabalho, atiraram-se para o fundo dos caboucos ontem principiados e, ao cair da noite, deram por terminada a sua tarefa, regressando a casa, de pá e picareta aos ombros, cobertos de suor, pintados de terra, mas de alma a transbordar. Ao longe ouvia-se um coro marcial que se reforçava com a aproximação: Com Deus não há trabalhos duros...

Avante, alegre, audaz!!

Muita gente acudia para ouvir. Eram eles.

A par dos voluntários da mão de obra, surgiram também os voluntários dos materiais para a mesma casa: a SECIL ofereceu 50 sacos de cimento; um construtor pôe à disposição toda a pedra; a Robialac, mandou vinte quilos de tinta e a Covina os vidros. O Estado entra com os cinco contos e os Novos Engenheiros entregaram-nos já 15 fruto da sua propaganda e generosidade. Deste modo vamos, em vez duma, fazer duas casas. O diabo quis pregar-nos uma partida mas ao cabo e ao resto, veio a sofrer uma desairoza derrota. Quanto maior oposição, maior vitória.

Que não desanime quem já alguma vez, lançou mão do arado e encontrou a terra dura. Quanto mais dura mais sólida a construção. Quando tudo corre bem mau sinal! Grande prejuízo não sofre o

reino de sataná se ele não põe os seus na parada...

Os Professores Primários também vão dar que falar. Na primeira volta, cada Distrito vai fazer a sua casa. Leiria tem já 5.000\$, Braga 4, Beja 4, Portalegre 3, Lisboa 2, Viana do Castelo 2. A Comissão funciona na Escola n.º 9 na Rua Pereira de Sousa—Lisboa.

Mais uma casa na Rua de S. Domingos. É a quarta. Desta vez em memória do «MANO LUIS». A crescer continuam também as Casas dos Serviços Médico-Sociais com 2.570 e C. Santos com 615.

Fora do Património, os donativos não tem sido muito animadores. Contudo as oficinas levam-nos 30 contos por mês e as 150 bocas, nas casas do Tojal, Lisboa e Eriçeira consomem mais metade desta quantia. É já tradicional esta maré baixa. São as férias. Quem retira para o mar, aparelha-se em terra, levando consigo armas e bagagens. Quem cá fica que se governe. É nesta altura que melhor se apreciam os persistentes.

Os Empregados da Vacuum, depois de curta interrupção justificada, voltam a adubar o caldo da nossa panela com 2.100\$. Que Deus multiplique as forças a quem leva já oito anos de incansável ternura pelos filhos da rua!

O mesmo se pede para os nossos amigos da Nestlé e do Montepio. Há nomes e anónimos que todos os meses figuram nas listas ali patentes. Figuram, não é exacto, pois quem quer figurar não

(Continua na quarta página)

As nossas edições

Anda agora o livro «Viagens» e um grande número de inscritos vêm ou mandam recado; *fulano já recebeu e eu não?* Os rapazes da venda de todas as cidades e vilas, passam a queixa. Eles chegam a casa e transmitem aos pais. Estes fazem o mesmo ao Júlio o qual me pede para dizer duas palavras e cá estou eu. A edição não pode ser despachada ao mesmo tempo; seguimos o alfabeto, daí que uns já e outros não. Mas todos terão seu livro, a seu tempo.

Estamos neste momento ocupados com uma remessa de 2.500 exemplares.

O Zé Sá, rapaz nosso e hoje magala teve um mês de férias. Ora como ele é um ótimo operário, plantou-se na tipografia, juntou em redor uma data de miúdos e deixou aquele lote prontinho a seguir. Não fora o Zé Sá e os senhores teriam de esperar mais tempo.

Bom sinal que os senhores se impacientem; isto significa apetite. Apenas o «Viagens» se despache, vamos começar com *Notas da Quinzena*, trezentas páginas de leitura séria. Não há memória de ter existido um escritor com as edições vendidas antes de as colocar no mercado. Nem edições que tanto falem de Cristo como as nossas. E é por isso.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais 600\$ de Francelos, *por alma do meu chorado filho*. Mais 150\$ de Lisboa. Mais a pensão da viúva dos 8 filhos, do Porto. Mais 100\$. Mais metade de *uma devota do Coração de Jesus*. Eis a Devoção. Não há coração de quem mais se diga nem que tanto ame como o de Jesus. Mais 2 contos entregues a um vendedor, em Aveiro. Mais 50\$ da Beatriz. Mais o dobro do Porto. Mais 500\$ de Lourenço Marques. Mais 50\$ de Lisboa. Mais 20\$ de Famação. Mais 50\$ do assinante 30057 de Montepuez, Angola. Mais mil de Lisboa. Mais 20\$ idem. Mais 200\$ da Aldeia de S. Bento. Mais metade de S. Mamede de Infesta. Mais metade de Gaia. Mais 6

contos da Família Carvalho da Minerva, Lourenço Marques. Foi o Sebastião. Mais 100\$ de *Alguém de Moçambique*. Mais metade de Gândola, Angola. Atenção: mais 3 contos, *uma pequena dádiva de minha mãe que faz hoje 100 anos*. Que lindos anos! Que linda mãe! É como apreciar esta sã economia, que o tempo não tem gastado e no fim de um século, pode repartir com os Pobres! Nós enviamos um telegrama. Mais 20\$ da Rodésia.

Mais 300\$ de Lisboa, *primeira pensão de reforma*. Quem é capaz de arrancar estes valores do fundo dos corações, a não ser o amor de Deus! Mais 50\$ do Mais 20\$ de *Dois com o mesmo aneio*, de Tancos

Mais 70\$ de Um Grupo de Finalistas de Letras de Coimbra. Mais 100\$ de Braga. Mais 250\$ de Castelo Branco. Mais 400\$ de Lourenço Marques. É a Júlia Maria. Mais mil do Porto. Mais dez contos que um senhor nos veio entregar; sendo 4 de Estefânea e 6 de Cândida. Quem dera que ele torne! Mais 20\$. Mais 50\$. Mais idem. Mais 20\$ da Amadora. Mais 100\$ de Lisboa. Mais 20\$ de Estarreja. Outra vez 50\$ do assinante 15033. Mais uma data de material da Fábrica de Tubos Metálicos. Mais 100\$. Mais 710\$ da «Voz dos Ridículos». Mais os 50\$ da Rita de Lisboa. Mais coisas de Negrelos. Mais 20\$ de Gaia. Mais 100\$. E mais nada.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

DOCTRINA



Era assim em Rio Tinto.

Não vai muito longe aquele dia em que eu saí de casa com um livro de cheques na algibeira, em aventura sem precedentes.

Recordo-me que chegando ao Marco de Canavazes e tendo ali metido gasolina, o dono da bomba, em vez de receber o dinheiro, mandou-me ficar com ele enquanto me dizia: *vá semear*. Achei aquilo estranho. Tomei-o por um profeta. Eu saí de casa justamente no intuito de semear!

Pelo dito do povo e voz da consciência, todos nós sabemos que cada um colhe conforme semeia. Que havia de colher casas, isso sabia eu, pois que ia semear delas. Mas como e quando, não. Não sabia. Sei agora. O Evangelho promete cento por um!

Dirigia-me a párocos meus conhecidos, que eu sabia capazes de trabalhar. Iamos ver sítios. Falávamos acerca das necessidades da terra. Depois do que rapava do livro de cheques e sobre os ombros do sacerdote, passava a dúzia de contos. Era uma experiência agradávelíssima.

Doze contos numa aldeia pobre é muito dinheiro. Tem um grande poder de realização. Os pastores daquele povo completavam o milagre e as casas apareciam feitas. Isto foi no princípio quando tudo era desordem. Mais de trezentas casas foram assim.

Quando em Janeiro deste ano recebemos a notícia do donativo dos quinhentos contos à razão de cinco deles por casa, eu levantei a voz e declarei: *isto só dá para meio ano*. O Evangelho promete cento por um.

O movimento de construir e entregar, tem de ser da mesma natureza. Aqui tudo é desconcertante. Tudo exorbita. Não sei o que teria pensado o Ministro. Não sei mas falava com segurança. Nós temos tudo do Evangelho. Sabemos o que queremos e a terra que pisamos. Quem conhece Jesus de perto, não anda às escuras. De cada dúzia de contos que naquele tempo foram semeados por amor de Deus, colhem-se frutos sem medida por amor de Deus. Afinal de contas, no mundo é tudo Amor, só aonde o homem está é que não.

Eis as terras aonde se ergueram as 100 casas de Janeiro a Junho deste: Murtosa, Tojal, Fanhões, Valadares, Gulpilhares, Madalena, Valpedre, Capela, Rio Tinto, Águas Santas, Braga, Fontelo, Bombarral, Amarante, Gondalães, Torres Novas, Lavos, Sa-

bugosa, Cacia, Setúbal, Espozende, Caldas da Rainha, Lagares, Livração, Santo Tirso, Trancoso, Ermezinde, Famalicão, Aviz, Gafanha, Gueifões, Viana do Alentejo e Fajozes.

Ali se trocou a corte por uma casa, sem encargos para seus habitantes. Oh escândalo!

Desde a última vez que nos encontramos neste sítio, já se entregaram mais delas na Madalena; delas em Cantanhede, Valadares e Ermezinde, isto que a gente saíva. É um pleno e constante borbulhar!

De preferência, gostaríamos de ir pelas freguesias mais pobres e mais distantes das cidades. O uso de uma casinha e amanhã do quintal, prendem a família pobre ao seu torrão e não os deixa ir por aí abaixo, cair nas malhas da Miséria. Em lugar de tornar a vida impossível e tomar por indesejáveis, seria mais humano ir a estas multidões nos sítios aonde nasceram. O problema dos portos não se põe na voz dos rios, mas sim na origem.

Os povos que habitam no sopé de crateras fumegantes, antes querem a morte que deixar suas casas.

Nas Caldas, vi uma família de sete indivíduos numa das casas do Património. Vieram de Rezende por não terem ali aonde morar. Podemos tomar por certo que a população da Barraca é feita de arribados. Vamos às freguesias. A Junta. A paróquia. A Comissão de Assistência. A Defesa da Fa-

Nem sempre podemos dizer que sim quando nos pedem para assistir à entrega de casas para Pobres; nem sempre. Mas quando se trata de uma paróquia muito pobre onde não aparece mais do que a gente que nela habita, eu quase sempre apareço. Foi o caso do Domingo derradeiro na freguesia de Canelas onde já havia outras próximo da Eja, ambas encastoadas em suave monte perto da capela de Santa Luzia. No fundo o Tâmega a juntar-se ao Douro. É difícil encontrar segunda beleza na nossa terra.

À hora marcada apresentei-me. Estava o povo das duas freguesias e seus párocos também. Estavam as vicentinas; que antes não havia e ora sim por amor dos Pobres que habitam as suas casas. Sirva esta notícia por norma e que o exemplo frutifique.

Imediatamente nos dirigimos à capela, que num instante ficou cheia tendo sido feita ao ar livre a oração daquela hora. Forma-se um cortejo extenso. À frente a cruz. As crianças da escola e da doutrina. Bandeiras de confrarias e irmandades. Muito povo.

O grupo de casas dista umas centenas de metros, que provaram escassos para o desenrolar daquela gente. Cantava-se. Rezava-se. Havia lágrimas nos olhos. A meio caminho, uma mulher do povo carregada de anos, abeira-se, toma nas suas as minhas mãos e não as larga mais. Aperta. Há um murmúrio. Foi então que percebi que aquela mulher do povo era figura predominante do cortejo. Imediatamente ao pé, ia também uma família com igual título. Era o grupo festivo. O esplendor da festa. Tudo ali estava e se movia por amor deles. Chegamos ao sítio das formosas vivendas. Procede-se à benção. Estavam os vicentinos das duas paróquias. Faço perguntas ao chefe da casa futura, com sua mulher e um filho de

mília. Nomes tamanhos e tão acolhedores! Vamos.

A Junta Autónoma das Estradas, acaba de pôr à nossa disposição dois grandes cortes, de onde podemos retirar toda a madeira necessária às construções. Este terreno abraça 4 freguesias. Podemos dar a muitos sua casinha e seu quintal. Interessar muitas famílias na sua terra. Tirar-lhes da inteligência, eu ia a dizer do estômago, a tentação da cidade. Tudo tão fácil. Tudo tão simples. E que rendimento!



É assim em Rio Tinto.

doença incurável. Nós viviamos com sua licença numa corte.

Quem me dera que estas palavras venham a morder os milhares dos nossos leitores como fizeram a mim, naquela hora e lugar! *O com sua licença é dignidade*. Aquele homem não a perdeu. Tanto assim que pede licença aos homens quando dá conta da sua humilhação imerecida. E nós? Aonde o nosso préstimo? Quem nos há-de justificar no tribunal de contas? Quem nos há-de absolver do pecado de Omissão? Se bem quisermos observar, é por ele, por este Omitir que o *Juts Justo* articula; *havia homens a viver em cortes e tu não fizestes nada*. Terrível! Houve um pequenino chá aos vicentinos. Uma pequenina merenda às crianças. Este pequenino, enquadrado bem na grandeza daquela hora. Ficaram homens em suas casas. Doença e velhice encontraram ali um abrigo. Já não é corte. É uma casa. Quando é que nós todos nos havemos de juntar e irmos por aí além, *cor unum*, a trocar cortes por casas e oferecê-las de graça a quem delas necessita? Só desta maneira provaremos ser discípulos de Cristo e mordemos as consciências e convencemos os homens e causamos a revolução. Doutra maneira seremos som. Uma voz. Mais nada.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Sabe Deus com que satisfação abrimos hoje a nossa pequenina *procissão*. É que temos aqui presente um Maquinista de Guindastes do Porto da Beira com 50\$00, rogando a Deus lhe dê saúde para poder criar os filhos e sempre que seja possível não esquecer os mais necessitados. Os operários do Porto da Beira! Quão amigos! Assinante 16.102, 30\$00, remanescente do pagamento do «Viagens» e não desejo que o meu nome seja citado. Igual quantia da assinante 3.033, remanescente do livro, também, *por alma da minha saudosa Mãe*. Manuel Ferreira Santos, de Fânzeres, 20\$00. No Espelho da Moda, assinante 23-310, o mesmo. Angelina Machado, idem. Do amigo e cliente da nossa Tipografia, Ezequiel Pinto, 31\$00. Em sufrágio duma pessoa querida, 100\$00 do assinante 5.400. De um *Universitário pobre para os seus Irmãos mais pobres da «nossa» Conferência*, 20\$00. Não sou capaz; tenho de me abrir e dizer à boca cheia que uma das horas de melhor meditação e em que a alma mais vibra é quando escrevo estas linhas. Não pelo dinheiro, não pela quantidade, sim pelo sentimento cristão de todos os donativos, todas as cartas, em suma pelo amor das almas que vêm até nós. Assinante 24.058, 50\$00. Da Murtosa, assinante 13.348, igual quantia. Assinante 14.141, idem. Assinante 24.058, idem. Assinante 15.436, 10\$00. Por alma de Alzira Sampaio, 20\$00. Um pequenino envelope, dentro um pequenino papel com a legenda: *De Uma Maria e 10\$00*. De Adão Pinto Serra, estimado cliente da nossa Tipografia, 30\$00 *para o que melhor entenderem*. Assinante 2.164, 70\$00. E a n.º 24.697, da Figueira da Foz, 50\$00. Dr. Agostinho Moutinho, de Cabeceiras de Basto, 10\$50. Saudades a todos

(Continua na quarta página)

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Há muito tempo que não, mas hoje sim. Deliberei e fui por aí abaixo visitar as Casas e os Lares.

O Morris desliza. Tenho agora um volante obediente que não passa dos sessenta e nessa marcha chegamos a Coimbra a meio da tarde. O Lar é situado numa quintinha, por onde uma azinhaga dá. Coimbra é assim. É única. Uma cidade dentro de um jardim!

A hora em que o comércio fecha, começam a chegar a casa os primeiros rapazes. A seguir à saudação e como se fosse obrigação do dia, eles tiram o casaco, põem-se à vontade, tomam baldes, vão por água e regam a horta mai-lo jardim. Eu contemplava em silêncio e enchia-me de verdade. Aquela obrigação do rapaz que chega do seu trabalho é um documento. Uma base. Ali se afirma a constância da família. São as nossas flores. É a nossa horta. Um dia destes o Pombinha foi vender a Aveiro. Deram-lhe dois contos. Eu pergunto: *Foi uns senhores.*

Em primeiro lugar, temos a gramática. A preciosa gramática das Casas do Gaiato; *foi uns senhores.* Torno a perguntar para quem era o dinheiro. *É p'ra nós.* Uma mentalidade criada pela realidade da nossa vida. O selo branco da Obra. As instituições oficiais não são feitas e conduzidas por normas do mesmo género. Não produzem frutos desta natureza. Não são criadoras. Não existe ali o nosso. Só a Família. Aonde houver berço e bafo a Obra produz filhos e irmãos. São p'ra nós.

Na Zambézia e numa vila aonde três dos nossos estão empregados, espanta-se a gente de que sejam tão juntinhos que até parecem irmãos. São.

Jantámos. Foi caldo de abóbora e vagens e cebola e tomates. A seguir foi uma grande salada dos mesmos e uma isca. E depois duas falas paternas. Raramente por ali vou. Há rapazes nas nossas casas que só de nome me conhecem, de tantas e de tantos!

Outra vez o Morris em movimento a caminho de Miranda, tudo inédito para o meu volante. Chegamos pela noite dentro. Fazia luar. A casa dormia. Ninguém havia de dizer que estavam ali sessenta rapazes.

Foi esta onde a Obra nasceu; aquela aonde mais sofri, por isso mesmo a que mais amo. No dia seguinte o Francisco desperta-me e foi o meu ajudante de missa.

Francisco é irmão do Zé Eduardo. Este mudou. Mudou de nome.

Tendo eu ido há tempos aos Banheiros Pinto de Magalhães aonde ele trabalha, pergunto e dizem-me que não; não temos cá nenhum Zé Eduardo.

Hom'essal já disse. Nisto Zé Eduardo vem de dentro e dirige-se a mim. Ah! Este é o Senhor Lopes. Que pena eu tive. Que triste mudança. Lopes! A seguir a Silva é o Lopes nos nomes de Portugal!

Francisco e Fátca, passaram respectivamente para o terceiro e quarto ano do Liceu. Há mais dois que os precedem. Estamos determinados a fazer professores primários com prata da casa. Assim como no Lar, também na Casa de Miranda observei o importante. O incrível; árvores de fruto. Dezenas de pêssegueiros com de-

les a reluzir. Oh tentação! Pergunto ao padre Horácio a explicação do prodígio—*a fruta é para eles.* E aqui está como de uma fórmula tão simples se tiram resultados surpreendentes. Após a refeição do meio-dia e umas palavrinhas à comunidade, aí vamos nós. Agora são casas. Casas do Património dos Pobres; uma vara da mesma cepa. Primeiramente Torres Novas. Procuro o Pároco e fomos vê-las. São oito. Ele espera fazer entrega no próximo mês de Outubro. Eu gostaria que já tivesse sido. Dali fomos às Caldas da Rainha. São três já habitadas. Mais uns quilómetros e eis-nos em Bombarral. Ali são quatro. Duas habitadas e duas em vésperas. Estas de Bombarral têm uma pedra à vista aonde se gravou *Património dos Pobres*; Não vi o mesmo nas outras terras. Atenção aos vicentinos. Ponham o selo. A marca. Que ninguém profane os lugares santos!

Outra vez a caminho dirigidos à Ericeira. Fizemos alta em Mafra, aonde almoçamos. Daí a nada era um mundo de curiosos; *ele está ali.* Daquela vez lucrei. Ouvi o carrilhão. Agradei a todos e tomamos o caminho da praia.

O meu volante vai encantado. Os meinhos de vento são para ele a grande novidade. Cada um é uma coisa nova. Chegamos à nossa colónia pelas quinze horas. Estão ali vinte e cinco rapazes. Era a sesta. Silêncio. Para o não quebrar, sentámo-nos sob o coberto da preciosa capela de São Julião, mas não foi por muito tempo. Três seminaristas dos Olivais orientam. O Russo, cozinheiro de Paço de Sousa exerce ali e cura-se de um mal que pede mar.

Já tardinha quando prosseguiamos. Como o Morris anda muito benzinho e as estradas pedem, fomos por Sintra. Atravessamos a serra. Demos na praia do Guincho. Coisas tão formosas que Deus coloca no mundo para recreio dos homens e eles não estão contentes!

Era quase noite quando chegamos ao Tojal. Pouca demora. Padre Adriano convida e todos assistiram à missa do dia seguinte. Outra vez duas palavras; as mesmas aos mesmos. Sendo cada um, um e sendo, mais, que cada um percebe na medida em que precisa, não erramos, contudo, dizendo *as mesmas aos mesmos.*

Aí vamos nós a caminho de Setúbal, aonde foi desta vez a reunião dos obreiros da Rua. O edifício é primoroso em seu ser. Tanto, que depois de concluído, houve dificuldades e criaram-se divergências se ele havia de ser na verdade um depósito de seres humanos. Aceitamos e vamos fazer tudo pelo melhor, mas aquele edifício não é do nosso sistema. Houvéssemos sido chamados antes e construiríamos diferente. Tal como Paço de Sousa, teríamos ali o conjunto de uma aldeia com seu hospital, capela, oficinas, ruas e arvoredos, salas de leitura, e a casa de habitação aonde o chefe é pai e cada rapaz sente-se irmão.

*** O paquete «Angola» da Nacional, entre outros, trouxe o António Teles, com cinco anos de Zambézia, ao serviço da Sena Sagar. O Amadeu tinha chegado uns

dias antes, da mesma procedência e ficaram lá outros à espera da sua vez. Amadeu, quando o «Mocambique» atracava, exclama *ai tantos brancos!* Uma vez que nós, idos de Portugal, possamos dizer o mesmo à chegada do Ultramar, temos conquistado o Ultramar.

*** Teles não resistiu à tentação do «Morris». Tendo chegado manhãzinha, eram duas da tarde quando largamos. Ele tem feito dezenas e dezenas de milhas por estradas da Zambézia. Pelo caminho disse e disse e disse. Casadinho no próximo mês, regressa. A gente espanta-se ao ouvir o seu programa: *vou a Londres tomar um barco da Union Castle!*

*** Chegado ao Norte, soube que Carlos Inácio passou com boa nota em todas as disciplinas do 5.º ano do Liceu. Só à última hora é que ele me disse como e quanto tinha trabalhado durante o tempo da vida militar; e não era preciso que ele me dissesse. As obras disseram mais. São eles. São os desta tempera que vão a Londres tomar o barco da Union Castle.

*** Abel At gusto, o meu motorista ouviu duas valentes chegadas nas ruas de Lisboa, por não saber o que estava fazendo; uma do Polícia de trânsito e outra de um civil: «*o seu burro.*» Foi muito bem feito, porquanto, quando chegamos, eu pretendi que ele recolhesse o carro e tomáramos um táxi. Não senhor; eu fiz exame. Pois fez e deu boas provas. «*O seu burro.*»

*** Meus senhores e minhas senhoras: tendo eu rogado ao Padre Carlos colaboração para este número, ele vai e apresenta matéria que até excede o costumado Isto é a Casa do Gaiato, pelo que vou fazer as malas e retirar pro estrangeiro.

Eu ia a deitar-me.

Um padre da rua, como os pais de família, não tem horas de ser importunado. Em verdade, nem este verbo se ajusta bem aqui, porque ele está precisamente para ser solicitado e cada instante tem uma oportunidade que não volta.

Eu ia a deitar-me e quase me assustei quando ele entrou sem dar sinal de si. Trazia assuntos domésticos a seu cargo que os dois depressa resolvemos.

Depois, a conversa caiu em ponto morto. Eu supunha tudo arumado e propuz que fôssemos dormir. Ele ficou. Encostou-se à esquina da parede e permaneceu segundos em silêncio. Percebi de repente que o problema era outro e aqueles assuntos domésticos mereo pretexto. Nos seus olhos baixos lia-se uma interrogação que logo desfechou:— Se um dia fosse a casa e encontrasse a sua mãe com outro e ela não lhe ligasse...?

Nunca pensara em tal, nem posso pensar. Ali, diante dele, era um ignorante absoluto, incapaz de uma resposta que lhe trouxesse luz e conforto.

E, no entanto, ele não é dos mais infelizes. É certo que encontrou a sua mãe com outro e ela lhe não ligou, mas Deus deu-nos a graça de sermos ali dois a co-

mingar no mesmo triste desabafo; deu-lhe a graça de uma consciência que repugna aquele mal. A tantos acontece igual desgraça sem graça semelhante!

Eu não sabia o que havia de dizer-lhe. Ele, o experimentado, perguntava-me por uma experiência que a vida me não deu a conhecer. Disse-lhe isto mesmo: que Deus, somente, sabe tirar o bem do mal; que ele tinha na sua dor uma razão para compreender como o pecado é destruidor já nesta vida e como ele havia de sonhar e preparar diferente do seu o futuro do seus filhos.

Quando conheci este rapaz, quase o temi de mal parecido que o achei. Já vinha sabendo desde há meses, e agora de vez, que a cara nem sempre mostra o coração...

Naquela hora da noite, os dois por graça de Deus, provávamos uma dor suavizada, porque a sua mãe não lhe ligara, mas estava eu ali para lhe ligar.

Este fim do dia foi trovoado. Há um calor pesado e parece que a atmosfera se apertou mais contra a Terra. Talvez por isso se ouve tudo melhor. Aqui, onde estou, chegam-me rumores do rádio na casa dos maiores; ruído de uns que ainda brincam ao pé de sua casa enquanto o chefe não chama para deitar; as vozes dos mais pequenitos que em coro muito certo rezam as orações da noite.

O Chefe maior e três pequenos seroam na composição. Os da Casa-Mãe ultimam os trabalhos da cozinha e copa e vão regressando em cantório às suas casas.

É tão simples a nossa vida! Tão certa no conjunto, por desigual nos pormenores! Como compreendo bem aquela definição que um pedagogo estrangeiro deixou após uma visita de olhos e coração abertos: «uma desorganização organizada.»

É o que nós somos e, apesar das deficiências e dos perigos, não sei de melhor.

O anoitecer foi trovoado—dizia. Cheguei a temer que o nosso terço familiar rezado em dois coros nas escadas da Capela e das Escolas fosse interrompido pela chuva.

No fim do terço, havia notícias tristes: Uma falta de omissão de um responsável, que é coisa tomada muito a sério; e outra, de pertinácia.

Estas notícias custam sempre, mas trazem também suas consolacões. Muitas vezes nos demonstram como Deus escreve direito pelas nossas linhas tortas.

Há rapazes que reagem admiravelmente a esta dor de ser chamado em «tribunal» por alguma coisa desagradável.

São justos, querem o bem e doem-se com o mal que fizeram e com o sofrimento que nos causaram. Este é o melhor castigo. Até se não fosse por uma satisfação à opinião pública, que é formada por muitos que não têm carácter de igual quilate, o castigo era mesmo só esse. Contudo, em muitos casos se tem de juntar outro qualquer, que mais vale para os

(Continua na quarta página)

